



GT 02 – EDUCAÇÃO FÍSICA CORPO E CULTURA

CORPOS EM MEIOS LÍQUIDOS: apropriações do nado e escritas de si

Anna Clara Souza Sobral¹
Nélio Borges Peres²

Palavras-chave: Natação. Água. Corpo. Individualidade. Si.

Introdução

A pesquisa da vivência com o nado nos revelou micro fundamentos sociais como a produção da necessidade de livra-se do *excesso* da consciência histórica. Ante a consciência empreendedora de si determinada por dinâmicas mercantis, o corpo humano parece se transformar num machado sem cabo no meio líquido. Ao solicitar uma carta para alunos de natação, fizemos a pergunta norteadora: “O que você sente quando nada?” Ao ler os registros nas cartas observamos as expressões significantes do se sentir na água, dentro da piscina, do se misturar à água. Nos relatos, a piscina se transforma num espaço vital da pessoa no mundo. Através dos relatos começamos a entrar no mundo-vida daquelas pessoas, podendo dar início à pesquisa³. A imagem comum da natação se baseou na ideia da ordem que organiza o nado em quatro modalidades esportivas, com o que eliminaria a desordem e os improvisos nas aulas. Mergulhamos no mundo líquido que subverte a ideia de um mundo sólido e durável. À tarefa de colocar tudo em ordem, como as batidas de mão na água, a professora de natação pensou em usar as mãos para empurrar a água que produz desordem e caos. Isso gerou a ambivalência na percepção do “si” no seu trabalho. O corpo é como um abrigo da pessoa e ao mesmo tempo é própria pessoa, o lugar onde ela sente desejos, vivencia emoções e sonhos. Das aulas de natação imaginamos um quadro cuja protagonista se encontra em uma viagem interior. Na beirada da piscina observamos o reflexo do corpo na água. A cena é plástica, o corpo encontra-se na borda e sua imagem está no ambiente líquido. No meio líquido o corpo esvazia os

¹ Graduada em Educação Física pela Universidade Estadual de Goiás-ESEFFEGO. E-mail: annaclarasobral@hotmail.com.

² Mestre em História (UNESP-2003). Professor na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: nelioperes@yahoo.com.br

³ Os participantes foram selecionados entre os praticantes de natação que estão a mais de um ano no clube SESI – Jundiá de Anápolis-GO. Buscou-se observar nos relatos de um grupo de 9 alunos que praticam natação de três a cinco vezes por semana, com a faixa etária acima de 11 anos. A idade foi um critério de relevância, pois buscávamos relatos de pessoas que não só tinham contato com a natação a mais de um ano, como que também que tivessem um grau de escolaridade para escrever a carta.

pulmões e a mente, como na meditação, e pode ficar *boiando*.

Metodologia

Abordagens fenomenológicas supõem uma metodologia de caráter exploratório e qualitativo para abordar valores íntimos do espaço interior das pessoas. Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Desconfiados de narrativas marcadas pela indústria cultural numa “era de catástrofes”, usamos a etnográfica para compor e escutar vozes polissêmicas sobre o nado e a sensação de estar na água. Para isto, a pesquisa baseou-se num exercício de escrita de si dirigido aos praticantes de atividades físicas em meio líquido, através do que observamos valores íntimos marcados pelo sentimento de pertença a um grupo, coletividade, sociedade. Escritas de si, como relatos de vida, dão a palavra aos que não são escritores – mas que foram alfabetizados ou seja, marcados pela escolarização – e interrompe o *silêncio* dos alunos de natação (LEJEUNE, 2014, p. 131-333). Mas *a quem pertence uma carta?* Uma carta pertence a quem a redige mesmo quando indica o destinatário. O fato de existir um destinatário implica a intenção do emissor de enviar a carta, mas neste caso as cartas foram *encomendadas*. Uma carta possui vários aspectos, como o de um objeto que se troca, um ato que põe em cena o “eu” da pessoa que a redigiu, ou o de um texto para ser publicado. Quando uma carta desvela a privacidade da vida, o autor, o destinatário ou qualquer pessoa citada podem impedir sua divulgação, porque uma carta não envolve só a pessoa que a escreve. No momento que é postada, a carta passa a ser propriedade do destinatário, mas moralmente e intelectualmente, a carta continua sendo do remetente (LEJEUNE, 2014, p. 291-294).

Resultados.

Tudo que nasce precisa ser limpo por outrem e só depois se aprende a tomar banho sozinho. O meio líquido representa o mundo vivido através da tecnologia (artifícios), da velocidade e fluidez das relações determinadas pela economia financeira (BUNGENSTAB, 2017). O meio líquido é uma metáfora de espaços para práticas corporais na água que ligamos à crítica da cultura geral sobre a racionalidade especializada para confrontar “uma época em que a rotina e a mesmice não são bem vistas e tudo que é sólido se desmancha no ar” (BUNGENSTAB, 2017, p 20). Para Bungenstab (2017), a noção de durabilidade e ordem na modernidade foi orientada pelo olhar de um “Estado

jardineiro” acompanhado de “filósofos legisladores” que “cuidavam” da vida produzindo ambivalências, como a fragmentação dos saberes em diferentes temporalidades e espaços que podemos observar em noções de corpo, natação e Educação Física em migalhas.

A experiência concreta com o nado torna-se ambivalente diante dos quadros elaborados pela financeirização da vida, que virtualiza a sobrevivência como forma de vida ideal e provoca sensações físicas e psíquicas nas pessoas, como o medo de estar desprotegido no mundo, sem chão debaixo dos pés e sufocado. O meio líquido caracteriza a sensação de insegurança compartilhada entre pessoas de “microtribos” na sociedade contemporânea. O medo de se afogar torna a pessoa insegura em relação ao meio líquido. Mas o afogamento pode ser resignificado como uma experiência da comunidade de “nadadores” capaz de mostrar a cada pessoa sua própria potência.

Sentir é uma experiência que acontece na primeira pessoa. Pessoas são corpos, e possuir ou ser um corpo é o que fazem as pessoas. Os corpos são particulares básicos que antecedem as representações mentais elaboradas sobre eles (RICOEUR, 2014). A consciência é um fato mental, predicado da pessoa, e inexistente antes dela. Para Ricoeur (2014), um corpo é próprio da pessoa quando se reconhece a autoridade do “si”. O “si” pode ser simultaneamente uma pessoa de quem se fala e um sujeito que se designa na primeira pessoa que fala. A pessoa (o corpo) é entidade pública, a consciência é uma entidade privada. Se a pessoa é aquilo de que se fala, admitimos que o corpo é um diálogo que fala da dor sentida de um terceiro (um *eu*, pessoa, que fala ao tu, outra pessoa, sobre a dor *dela*).

Recorremos ao imaginário e ao sonho na *poética do espaço* para refletir sobre o fato de que a pessoa não é uma consciência pura acoplada como *software* em um corpo, como o enquadramento dualista corpo e alma pode sugerir maquinalmente. Com Bachelard (1989), a água é matéria em movimento.

De início, é preciso compreender a utilidade psicológica do espelho das águas: a água serve para *naturalizar* a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima. Os espelhos são objetos demasiado civilizados, demasiado manejáveis, demasiado geométricos; são instrumentos de sonho evidentes demais para adaptarem-se por si mesmos à vida onírica (BACHELARD 1989, p.23).

Consideramos que o corpo se constitui de água, é envolvido no líquido amniótico antes de nascer, assim como a água que nasce e continua a fluir como uma fonte por todos os lados, acima e abaixo, por dentro e por fora até que seja limpa. Na água, os corpos também trabalham, competem e se recuperam de lesões, adquirem força mental e muscular. Sobretudo, os corpos podem dar a sensação de que ficam leves quando estão na água, e a pessoa “acha” que ficou livre do peso da

gravidade. Existe uma ordem no mundo que rege um universo de relações do corpo com a água. O nado é uma forma do corpo se relacionar com a água.

Boiando na piscina com Bachelard (1993) compreendemos que todo espaço que habitamos de corpo e alma trás uma *essência*, como a da noção de casa. Para compartilhar as vivências de um corpo a outros corpos, Bachelard usou a metáfora da casa como imagem-objeto que predica o corpo de um ser privilegiado em sua unidade e complexidade, que tenta “integrar todos os seus valores particulares num valor fundamental” (BACHELARD, 1993, p23). Como linguagem, o corpo atrai imagens que fixam imagens sobre o corpo. Parafraseamos a metáfora da casa usando a imagem da piscina para representar o meio líquido. Lembramo-nos das piscinas onde nadamos e nos sentimos acolhidos pela água, pelas bordas, raias e azulejos, e não nos esquecemos das piscinas que apenas sonhamos em nadar. As lembranças misturam sensações do vivido a ficções com o que compomos memória. Bachelard (1993) considerou a possibilidade de “isolar uma essência íntima e concreta” da memória para justificar o valor singular de todas as imagens íntimas, pessoais, como o valor do acolhimento que interpretamos como o “abrigo” do corpo. Mas ao olharmos para os habitantes da cidade que nunca puderam brincar numa piscina pensamos que a poética de Bachelard não serviria pra nada. O corpo vivido, real e carnal, que realiza a experiência do nado como a consciência de si elaborada para si, pode ser considerado uma *catástrofe* burguesa. Nas situações de catástrofe as coisas aparecem, começam a emergir coisas que deveriam ficar escondidas, como a dor, o sofrimento, as sensações de perda. O si mesmo como outro comunica a potência do corpo próprio (do burguês como modelo mimético).

Considerações finais

No ambiente líquido, a consciência corporal que resulta do processo histórico de formação pode ser forçada a expressar experiências sensíveis, como o autoconhecimento compartilhado dentro de uma comunidade de praticantes de natação. Sobre a experiência com o nado, soubemos que a experiência sensível não é comunicável como experiência comum aos outros a menos que seja elaborada em termos comuns aos membros dessa comunidade. A experiência dentro de piscinas pode favorecer uma estudante de Educação Física que compreendeu seu processo de formação como adaptação à forma de vida que orienta as pessoas a sentir o “mundo líquido”. A professora que relata experiências com práticas corporais em meio líquido sente que o que está espelhado na água da piscina é um enquadramento mental do corpo ideal que não *sangra* nem *boia*. Aprendemos que escrever é um ato de escavar e escarificar o cerne da questão, de modo que uma carta pode expressar um corte na própria carne. A natação não é somente aprender e vivenciar os quatros estilos

competitivos. Nadar é uma prática que proporciona ambientação ao meio líquido e consciência corporal dos seus músculos, articulações, respiração, limites e alcances de sua resistência física por meio de uma consciência corporal integrada aos pensamentos e sonhos. Através da natação os corpos aprendem o equilíbrio.

Na busca de compreender o significado do equilíbrio entre corpo e mente na sociedade contemporânea, interpretamos o arquétipo da água como razão da vida no imaginário de um pequeno grupo de praticantes da natação. As cartas compartilhadas com a professora de natação serviram para “capturar” intimidades do público observado, cujas experiências vividas foram descritas pela memória dos sujeitos pesquisados. Ao escrever uma carta para a natação o sujeito teve que expor lembranças de suas solidões comprimidas no corpo que, para a pesquisa, representou experiências do espaço reconfortante na forma de reflexão subjetiva sobre a relação do nado consigo mesmo.

Com Merleau-Ponty (2006) reiteramos que o corpo é uma coisa própria da pessoa e o que há de único (singular) no corpo humano é o fato da encarnação da pessoa estar nele. Conseguir dominar o ambiente líquido e brincar nas águas sem os “medos” de quem bate na água ao invés de empurrá-la, e que grita ao invés de respirar, pode ser um caminho para transcender traumas que se manifestam no mundo líquido.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- _____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. **Sobre Juventude e Educação Física**. São Paulo: Giostri, 2017.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Belo Horizonte, UFMG, 2014.
- RICOEUR, Paul. **O si mesmo como outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.